

## DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E SOCIEDADE 5.0: RUMO À FELICIDADE E AO BEM-ESTAR

Elias Sebastião de Andrade<sup>1</sup>

**RESUMO:** Esse artigo discutiu algumas das possíveis articulações entre o Desenvolvimento Sustentável (DS) rumo à Sociedade 5.0, convergindo os avanços tecnológicos à felicidade e ao bem-estar do ser humano, relacionando temas de extrema importância para a continuidade e a qualidade da vida no planeta. Felicidade e Bem-estar, Índices Globais que medem riqueza e felicidade, DS/Agenda 2030 não podem ser tratados de forma estanque. Nesse sentido, as contribuições da Psicologia Positiva (PP) são valiosas e, com esse norteamento, buscou-se realizar um levantamento bibliográfico das produções sobre DS, Sociedade 5.0 e PP. É possível inferir que o DS não se configura como uma ação isolada, mas de um conjunto de recursos para viabilizar o atendimento das necessidades humanas, desse modo, torna-se uma missão das organizações e nações, de forma a engajar todos os segmentos numa série de iniciativas concretas que proporcionem uma real mudança na maneira de conduzir suas ações. A sociedade 5.0 é uma esperança desde que incorpore os conceitos de desenvolvimento sustentável e alcance todo o planeta.

**Palavras-Chaves:** Desenvolvimento Sustentável, Psicologia Positiva, Sociedade 5.0

**ABSTRACT:** This article discussed some of the possible articulations between Sustainable Development (SD) towards Society 5.0, converging technological advances to the happiness and well-being of human beings, relating topics of extreme importance to the continuity and quality of life on the planet. Happiness and Well-Being, Global Indexes measuring wealth and happiness, DS / Agenda 2030 cannot be dealt with tightly. In this sense, the contributions of Positive Psychology (PP) are valuable and, with this guidance, we sought to conduct a literature review of the productions on DS, Society 5.0 and PP. It can be inferred that the SD does not constitute an isolated action, but a set of resources to enable the fulfillment of human needs, thus becoming a mission of organizations and nations, in order to engage all segments in a series of concrete initiatives that bring about a real change in the way they conduct their actions. Society 5.0 is a hope as long as it incorporates the concepts of sustainable development and reaches the entire planet.

**Keywords:** Sustainable Development, Positive Psychology, Society 5.0

### INTRODUÇÃO

A UNESCO tem difundido um ideal por todo o mundo, especialmente com relação ao futuro da humanidade e do planeta. Nesse sentido, a Agenda 2030 traz os valores universais e direitos fundamentais como a força e riqueza das culturas, de seu conhecimento e de suas realizações. Assim, estar no mundo é assumir o compromisso com a própria existencialidade na semeadura e na colheita das

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento/UFSC

experiências de fluxo para toda a humanidade,

[...] em um mundo cheio de limitações – em termos de nossos recursos e nossos meios – a humanidade pode contar com os recursos renováveis de sua inteligência, de sua criatividade e de sua engenhosidade. Essa riqueza, estimulada pela exigência moral de respeitar os direitos e a dignidade de cada indivíduo, representa uma fonte infinita de progresso. Para libertar esse potencial, também devemos ajudar na conscientização sobre a riqueza criativa da humanidade **e no aumento da felicidade de todos** (UNESCO, 2017, p. 5, grifo do autor)

Nessa direção, assume-se um papel lógico apreciar que a felicidade, o bem-estar, a sensibilidade e a responsabilidade são necessários para a realização da vida e são dimensões que precisam ser consideradas quando se pretende discutir o Desenvolvimento Sustentável e a qualidade de vida das pessoas, das instituições e, naturalmente, do planeta. Nesse sentido, esse artigo tem o propósito de discutir as possíveis articulações entre o desenvolvimento sustentável e a agenda 2030 rumo à sociedade 5.0, convergindo os avanços tecnológicos com vistas à felicidade e ao bem-estar do ser humano.

Sťahel (2019) alerta que muitos conflitos sociais e ambientais resultam do fato de a humanidade tentar resolvê-los a partir de estratégias do passado e que o futuro da humanidade depende da capacidade das pessoas de mudar essas estratégias. Para o autor “o futuro da humanidade, portanto, depende do fato de as pessoas poderem abandonar os princípios da competição e do lucro e estarem dispostas a substituí-los por princípios de sustentabilidade e cooperação altruísta” (SťAHEL, 2019, p. 349) vistas à felicidade e ao bem-estar de todos.

Enquanto algumas forças vendem a ideia de que o caminho da felicidade passa pelo consumo, pela aquisição de tudo o que for possível. Outras, emergentes, atentas, sensíveis e sistêmicas, alertam quando afirmam que é do consumo e do acúmulo de bens sem limites que surge um modelo suicida de crescimento que desencadeia e aumenta desigualdades. Condições materiais razoáveis para a vida e o bem-estar são importantes, mas centrar a felicidade no consumo e no acúmulo de bens materiais é insustentável para qualquer nação, organização, grupo ou pessoas seja quando as relacionamos com o crescimento ou o desenvolvimento.

Sklair (2019, p. 296) afirma que “os seres humanos são as principais forças que moldam o planeta Terra hoje” e por isso a necessidade de cooperativa. Para a

autora “ajudaria a afastar as tribos competitivas, violentas e não confiáveis para cooperar, pacificamente e vizinhos de confiança, próximos e distantes [...] genuinamente mundial comprometido com a regeneração ecológica e a justiça social”. (SKLAIR, 2019, p. 310 ).

Daily (2004), chama a atenção para a diferença gritante entre “crescer” de “desenvolver-se”. O primeiro indica, de maneira geral, aumento em tamanho ao agregar material. O segundo indica “expandir ou realizar os potenciais de; trazer gradualmente a um estado mais completo, maior ou melhor”. Portanto, quando algo cresce, fica maior, mas quando algo se desenvolve, ele evolui. “No entanto, os recursos ambientais do desenvolvimento são limitados pelos limites de crescimento - ou mais precisamente pela sustentabilidade - e em muitos países, esses limites já foram excedidos”. (ŠTAHEL, 2019, p. 349). Uma vez que a Terra é um sistema fechado e que não há perspectiva de curto e médio prazo para que os humanos possam migrar para outro planeta, a humanidade, ou parte dela, começou a preocupar-se com a sua sobrevivência frente aos padrões de consumo e de produção de comida, bens e serviços vigentes.

Em 1987, no relatório das Nações Unidas “Nosso Futuro Comum”, surge o conceito de desenvolvimento sustentável: “é o desenvolvimento que atenda às necessidades das gerações presentes sem comprometer a habilidade das futuras gerações de satisfazer suas próprias necessidades”. O termo desenvolvimento sustentável, portanto, contrapõe-se à insustentabilidade do crescimento, exigindo novas posturas do ser humano com relação aos seus hábitos de consumo, de produção, de pesquisas e inovações tecnológicas. Não basta utilizar termos como sustentável ou verde ou orgânico se as práticas e esforços não se direcionarem para mudanças de paradigmas do que é qualidade de vida e do que será deixado legado para as próximas gerações.

Assim, é necessário refletir sobre modelos alternativos de sociedade retratando como afirma Suša (2019, p. 332) que “para mudar o a configuração recente do sistema é “mudar a lógica dominante do mercado” e confrontar o poder do capital global através de um modelo eficaz de cooperação [...]”.

Nesse contexto, a grandeza e o bem estar do povo de um país não pode ser medido apenas pelo seu Produto Interno Bruto (PIB) que contabiliza sua produção

de bens e serviços. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), utilizado desde 1993 pelas Nações Unidas, já trouxe um avanço, pois, considera além da renda (PIB por cabeça), o índice de educação (taxa de alfabetização e taxa de escolarização), a longevidade da população (condições de saúde e salubridade). Entretanto, o IDH ainda não aplica uma lente mais aguçada no sentido de identificar o bem estar do povo, pois este não está apenas relacionado com quanto ganha ou se tem ao seu dispor serviços de saúde e educação.

Na tentativa de aprofundar a qualidade dos índices, uma boa referência é o “Gross National Happiness” (GNH) ou FIB (Felicidade Interna Bruta). Ele nasceu no sul da Ásia, no Reino do Butão na década de 1970. Considera que desenvolvimento espiritual e o desenvolvimento material precisam coexistir para que o indivíduo tenha uma vida plena, que equilibre os aspectos econômicos, sociais e ambientais, que promova uma cultura responsável com os indivíduos e com o planeta, que valorize a governança para atingir esses objetivos.

O FIB, confinado ao Butão, em nível mundial estimulou outros instrumentos de medição e acompanhamento. O Happy Planet Index (HPI), ou Índice do Planeta Feliz (IPF), é aplicado Pelas Nações Unidas desde 2006. Ele procura medir a capacidade que cada país em dar condições de bem-estar aos seus cidadãos, considera três fatores: bem estar, a expectativa de vida e o comprometimento dos recursos do planeta, considerando o tripé da sustentabilidade.

Voltando o olhar para os 17 objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS), um compromisso mundial com metas até 2030, é possível perceber uma relação direta com uma possibilidade de alcance da felicidade por meio da construção de ferramentas que contribuam para o atingimento de uma sociedade mais justa, democrática e equânime.

Abrindo um pouco mais o leque e a partir de uma visão sistêmica, pode-se inferir que numa sociedade 5.0, que considera a tecnologia como ferramenta que está a serviço das pessoas, os ODS catalisam as possibilidades do alcance da felicidade e de tornar a vida dos indivíduos mais sustentável, justa, democrática e equânime.

Em quando essas possibilidades vinculam-se com a abordagem da Psicologia Positiva contribui para as mudanças de paradigma que estão

acontecendo com o amadurecimento da humanidade e avanço das tecnologias.

Desse modo questiona-se quais as possíveis articulações entre o desenvolvimento sustentável e a agenda 2030 rumo à sociedade 5.0 que contribuam para a felicidade e o bem-estar do ser humano? Para tanto, buscou-se realizar um levantamento bibliográfico das produções da Unesco sobre o desenvolvimento sustentável e a felicidade de modo a garantir as possíveis articulações desejadas.

## **2. A “SUPER SMART SOCIETY” OU SOCIEDADE 5.0 OU SOCIEDADE DA IMAGINAÇÃO – UM DESENHO DE FUTURO**

O conceito de 4<sup>a</sup> revolução industrial nasceu na Alemanha com a apropriação e uso de tecnologia de ponta nos processos industriais como estratégia para superar a crise financeira global de 2008. Um salto importante, saindo do patamar 3.0 que nasceu a partir dos anos 1970 com base no desenvolvimento da eletrônica em todos os processos (controle numérico, microeletrônica, automação, internet, comunicação, desenvolvimento de computadores, etc).

A versão 4.0 vai dominar a indústria, pois vai além, aplica as interações digitais/entre máquinas e sistemas, os sensores inteligentes, a internet das coisas, redes na nuvem, etc. Tudo isso aumenta produtividade, reduz recursos e desperdícios, além de tornar os processos mais inteligentes, pois são monitorados e analisados em cada uma de suas etapas. Sua manufatura avançada permite

[...] mapear o que a indústria já oferece e verificar o que pode ser aproveitado; desenhar como será a integração dos subsistemas hierárquicos dentro de uma fábrica, que cria um sistema de manufatura flexível e reconfigurável; integrar todas as engenharias na cadeia de valor, com possibilidade de customização de produtos e pequenos lotes que gerem valor. (FORBES, 2018)

Mas não se limita à manufatura, a versão 4.0 aplica-se a todos os processos envolvidos, ou seja, cadeia de fornecedores, manufatura, chão de fábrica e gestão.

Conforme Merluzzi (2018), “no Brasil, por enquanto, somente as grandes multinacionais estão efetivamente entrando no ambiente 4.0, pois trazem parte da evolução de suas matrizes. Não há financiamento acessível, muito menos plano governamental que proporcione previsibilidade para a Indústria Nacional.” E continua, alertando, “A Indústria 4.0 e a Sociedade 5.0 trazem ao mundo o perigo de

uma segregação ainda maior entre os países desenvolvidos, os países em desenvolvimento [...]”.

Com relação à classificação das sociedades ao longo da história, a humanidade inicia com a sociedade nômade (1.0), passa para a agrária (2.0), assume, então, na revolução industrial a característica da produção em massa e do consumo (3.0). A sociedade 4.0 aparece com o desenvolvimento da Internet e das TIC, conhecida como era da informação, ou sob uma visão mais integral, era do conhecimento. Ainda muito influenciada pela indústria 4.0, ou seja, ainda as máquinas estão no centro das atenções.

Nesse quadro, o Japão, desde 2013, resolveu investir pesadamente em um modelo de sociedade em que a tecnologia esteja totalmente a serviço do ser humano, propondo uma simbiose do homem como os sistemas inteligentes na resolução de problemas de toda ordem. Recebeu o cunho de sociedade 5.0, baseia-se tudo estará conectado e que deve atender ao humano a sociedade precisará ser adaptável à diversidade, inclusive nas novas formas de trabalho. Conectividade, imaginação e criatividade são as palavras chaves para essa nova jornada da humanidade.

Apesar de sempre figurar entre os maiores PIB mundiais, principalmente por sua força na área tecnológica, o Japão precisa antecipar-se a um cenário inevitável e próximo, em que o envelhecimento da população acelera-se com os consequentes declínio da força de trabalho e aparecimento de demandas de apoio e suporte à vida. Na prática esses avanços tecnológicos espraiam-se para todas as áreas do conhecimento, repercutindo na indústria e sociedade. Em seu Informe sobre o 5º Plano Básico de Ciência e Tecnologia, JAPÃO (2015, p.3), aponta:

Turning to the Internet of Things (IoT), robots, artificial intelligence (AI), regenerative medicine, and neuroscience, it is clear that developments in these new sciences and technologies will have a great impact on not only human lifestyles but also human existence itself. This will require a rethinking of the relationship between society and science and technology.

A Federação de Negócios do Japão, Keidanren (<http://www.keidanren.or.jp>), foi criada em 1946, em maio de 2018 representava 1.376 empresas, 109 associações industriais e 47 organizações econômicas regionais. Em seu relatório anual (2018) declara que:

Keidanren aims to realize Society 5.0, a future society in which IoT, AI, robots, big data and other innovative technologies will be fully implemented to optimize individual lives and society as a whole. Society 5.0 is the super-smart society—the fifth society in the history of human social development following on from the hunter-gatherer society, agrarian society, industrial society, and information society. Society 5.0 as advocated by Keidanren is positioned as the pillar of Japan’s growth strategy with social implementation expected to gather pace through the practical application of technology in the future. Further, in 2015, the United Nations adopted the Sustainable Development Goals (SDGs) as internationally agreed goals for realizing a sustainable society, calling on the private sector to exercise creativity and innovation to deliver on those goals. Starting now, Keidanren is taking action to achieve the SDGs by realizing Society 5.0. KEIDANREN (2018, p.04)

Ressalta-se a relação já desenhada pela KEIDANREN entre os ODS da Agenda 2030. Apresenta termos como agricultura inteligente e comida inteligente (biotecnologia), desenvolvimento sistemas de alerta e monitoramento de doenças, de sistemas de *e-learning*, de sistemas de energia limpa com uso de *smart grids*, estudo das mudanças climáticas com simulações com computadores de alta performance, utilização de sensores remotos para monitorar e gerenciar qualidade de água, florestas, degradação de terras, biodiversidade, desenvolvimento de *smart cities*, etc. É a ficção científica tornando-se realidade de forma silenciosa, mas com a disciplina e determinação japonesas, despertando o mundo para um novo paradigma. O mundo está atento a essa proposta, prova disso é que o tema tem sido discutido pelo Fórum Econômico Mundial WEF (2018), inclusive em DAVOS/2019.

### 3. A PSICOLOGIA POSITIVA: NUTRIR O QUE HÁ DE MELHOR

A Psicologia Positiva está centrada nas emoções positivas, como felicidade, otimismo, esperança, amor, perdão, ou seja, voltada para a promoção do bem-estar pessoal. Nessa perspectiva, o bem-estar subjetivo é uma tendência global do sujeito experienciar os acontecimentos da vida de forma positiva. Para Seligman e Csikszentmihalyi (2000, p. 17) o bem-estar é o “[...] resultado da orientação geral positiva do sujeito para os acontecimentos de vida”. Desse modo o bem-estar é o principal construto da Psicologia Positiva (SELIGMAN, 2011). Também explica que existem cinco elementos que para compreensão do bem-estar: a emoção positiva, o engajamento, o sentido, os relacionamentos positivos e a realização.

Nesse sentido então, Seligman e Csikszentmihalyi (2000, p. 5) consideram que a Psicologia Positiva precisa “[...] começar a catalisar uma mudança no foco da psicologia da preocupação apenas com a reparação das piores coisas na vida para também construir qualidades positivas”. Além de se centrar nas emoções positivas, o estudo do bem-estar, das experiências de fluxo, da alegria, do otimismo, da esperança, do amor, da felicidade, do perdão, entre outros, ajudando o sujeito a aumentar suas competências de resiliência, voltando-se para o desenvolvimento sustentável. Resiliência norteia a “superação” de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações (YUNES & SZYMANSKI, 2001, YUNES, 2001, TAVARES, 2001). Alguns estudiosos reconhecem a resiliência como um fenômeno comum e presente no desenvolvimento de qualquer ser humano (MASTEN, 2001).

A felicidade não é algo que ‘acontece’, relacionada com a sorte ou ao acaso e não depende de acontecimentos externos, mas sim de como essas experiências são interpretadas. A felicidade, então está relacionada à consciência/vivência de cada um. Isso equivale dizer que as percepções que temos sobre a vida são o resultado de múltiplas experiências, muitas delas colocadas fora do nosso controle; e das inúmeras condições que determinam o que fazemos, vemos, sentimos e de como atuamos e interpretamos o mundo vivido. Por isso que buscamos articular o conceito de felicidade com os ODS que são estratégias de ação que propõe, por exemplo a erradicação da pobreza, a proteção do planeta e garantia que as pessoas alcancem a paz, a prosperidade e a própria felicidade.

A maior contribuição de Csikszentmihalyi (2002) é a abordagem da psicologia da felicidade que busca explorar um problema tão velho como a humanidade: É possível ser feliz? Para Csikszentmihalyi (2002) todos os sujeitos conseguem identificar momentos em que se sentiu no completo controle das suas ações e de suas vidas. Esses momentos, geralmente são caracterizados por um profundo sentimento de euforia e de satisfação plena, permanecendo na memória individual com experiências ótimas. Essas experiências foram denominadas de Experiências de Fluxo, *flow*, que não acontecem somente em condições extremamente favoráveis, mas podem estar presentes no cotidiano da vida ou mesmo nas ações muito simples (CSIKSZENTMIHALYI, 2002).

Para Snyder e Lopez (2009), uma experiência como o *flow*, quando estamos



totalmente imersos em nós mesmos, será capaz de transformar nosso comportamento pelo simples prazer de fazer e fazer bem feita uma determinada atividade, sem se dar conta das coisas que estão acontecendo ao nossa volta, estando totalmente focado no momento presente. Mas, como alcançar o *flow* se estamos imersos numa sociedade doente e patologicamente normótica, em que a banalização da pobreza, exploração, preconceito, discriminação está presente nas ações de cada um? Nesse cenário, tem-se consciência de que por ser tratada como um objetivo e aspiração universal, a felicidade está incorporada nos ODS.

E, pensar em estratégias e ferramentas que auxiliem na construção de novos padrões de produção e consumo e no reconhecimento de uma abordagem mais sustentável, democrática, inclusiva e equânime pode emergir a felicidade e bem-estar para todas as pessoas, e, nesse caso, o *flow*.

DIAS et al (2016) afirma que os melhores momentos do estado *flow*, na prática, acontecem quando se tem empenho para realizar suas metas por esforço voluntário e que seja difícil a ponto de desafiar nossas habilidades e que valha a pena. É importante manter o equilíbrio entre os desafios e nossas habilidades. Se o desafio for menor que elas haverá sensação de tédio. Se for além da nossa capacidade, tenderemos a sentir estresse e ansiedade. Assim, quando estaremos dispostos a fazer escolhas mais sustentáveis para alcançar a felicidade?

Relembrando que a proposta da Sociedade 5.0 é centrada no ser humano para que desfrute as vantagens da evolução da indústria e da conectividade de modo a potencializar a felicidade nas organizações que, paradoxalmente, dependem do talento e do engajamento de pessoas para garantir sua sustentabilidade. E, se essas pessoas estiverem em *flow*, o bem-estar surge como uma estratégia e, conseqüentemente, aumenta as chances de sucesso.

#### 4. ÍNDICES PARA ALÉM DO NÚMERO

Há diversas formas de tentar avaliar a riqueza (\$) de um país e a qualidade de vida da sociedade, é possível observar que ao longo das décadas, índices têm sido criados tentando avaliar melhor o desenvolvimento das sociedades, mais

recentemente, considerando o conceito de sustentabilidade. À medida em que a sociedade se desenvolve, agora com vistas a sua versão 5.0, cada vez mais é dada importância à pessoa seu bem-estar e a sua relação sustentável com o planeta. A seguir, serão abordados o Produto Interno Bruto (PIB), o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), Felicidade Interna Bruta (FIB) e Índice do Planeta Feliz (IPF).

Na década de 1930, pós depressão, pelo prêmio Nobel de economia em 1971, Simon Kuznets criou um índice para medir a atividade econômica, ou seja, o valor total de mercado de todos os bens e serviços produzidos por um território econômico, um país, ou em suas regiões, estados e municípios, durante determinado período. Mesmo tendo passado por alterações em seu cálculo ao longo de sua existência, sua determinação não reflete progresso e o desenvolvimento. Conforme Feijó, A.C; Valente, E; Carvalho P.G.M (2012, p.46):

Entram com sinal positivo no PIB tanto a produção de cigarros quanto os posteriores gastos hospitalares com pacientes com câncer de pulmão. Um terremoto, por exemplo, pode ter um impacto positivo no PIB, pois seu impacto é maior no patrimônio (ativos) de um país, que não entra no cálculo do PIB, do que na produção. No entanto, os gastos na reconstrução da infra-estrutura são todos contabilizados.

O PIB não expressa efetivamente a riqueza de seu povo, basta analisar o quadro 1 com as 10 maiores economias mundiais. Existe também o PIB per capita que é fruto da divisão do PIB pelo número de habitantes da área em estudo. A tabela 1 demonstra que ambos os valores não são suficientes para identificar o desenvolvimento e a satisfação da sociedade de determinado país. Mesmo o PIB per capita pode mascarar as desigualdades.

Tabela 1 - 10 maiores PIB/base 2016

PIB preços correntes		PIB preços correntes - per capita	
País	Bilhões de US\$	País	US\$
1 Estados Unidos	18.569,10	1 Luxemburgo	103.198,82
2 China	11.218,28	2 Suíça	79.242,28
3 Japão	4.938,64	3 Noruega	70.391,57
4 Alemanha	3.466,64	4 Macau	67.079,30
5 Reino Unido	2.629,19	5 Irlanda	62.562,27
6 França	2.463,22	6 Catar	60.786,72
7 Índia	2.256,40	7 Islândia	59.629,05
8 Itália	1.850,74	8 Estados Unidos	57.436,41
<b>9 Brasil</b>	1.798,62	9 Dinamarca	53.743,97
10 Canadá	1.529,22	10 Singapura	52.960,73
		<b>76 Brasil</b>	<b>8.726,90</b>

Elaborado pelo autor Fonte: FUNAG (2017)

Diante dessas constatações, visando aprofundar o olhar para além dos fatores econômicos, em 1990 a ONU passou também a utilizar o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), criado pelo economista paquistanês Mahbub Ul Haq e o indiano Amartya Kumar Sen, economista ganhador do Prêmio Nobel de 1998. A geração desse índice considera, também, fatores sociais.

Conforme OLIVEIRA, P.S. et al (2015, p.15), o IDH avalia o “desenvolvimento humano através de 4 indicadores: expectativa de vida ao nascer, média de anos de escolaridade, expectativa de escolaridade ao nascer e renda per capita”. Mas ignora “questões com meio-ambiente e a percepção das pessoas sobre seu próprio bem-estar”.

Uma inspiração de mudança para uma avaliação mais sistêmica veio do Reino do Butão, sul da Ásia, na década de 1970, quando surgiu o “Gross National Happiness” (GNH) ou FIB (Felicidade Interna Bruta). No Butão, a felicidade da população é considerada um bem público, contemplada no Art. 9º da constituição de 2008, em seu parágrafo 2: “*The State shall strive to promote those conditions that will enable the pursuit of Gross National Happiness*”. Em uma tradução livre: “Estado deve se esforçar para promover condições que permitam perseguir de Felicidade Nacional Bruta”.

O FIB considera 9 dimensões, que se abrem em 33 indicadores. São elas o bem-estar psicológico, a saúde, educação, cultura, uso do tempo, governo, vitalidade comunitária, ecologia e padrão de vida. A tabela 2 apresenta a discretização com seus pesos.

Tabela 2 - Pesos de cada indicador do FIB butanês

Domínio	Indicadores	Peso	Domínio	Indicadores	Peso
Bem-estar psicológico	Satisfação com a vida	33%	Uso do tempo	Horas de trabalho	50%
	Emoções positivas	17%		Horas de sono/lazer	50%
	Emoções negativas	17%	Governos	Participação política	40%
	Espiritualidade	33%		Liberdade política	10%
Saúde	Autoavaliação de saúde	10%		Serviços públicos	40%
	Saúde diária	30%	Desempenho do governo	10%	
	Desabilitação	30%	Apoio à comunidade	30%	
	Saúde mental	30%	Relação com a comunidade	20%	
Educação	Alfabetização	30%	Vitalidade da comunidade	Família	20%
	Formação educacional	30%		Criminalidade	30%
	Conhecimentos gerais	20%		Ecologia	Poluição
	Valores morais	20%	Responsabilidade ambiental		10%
Cultura	Linguagem	20%	Vida selvagem/Agricultura		10%
	Habilidades artesanais	30%	Questões Urbanas	40%	
	Participação sócio-cultural	30%	Renda Familiar	33%	
	Comportamento em público	20%	Padrão de vida	Bens	33%
		Qualidade de habitação		33%	

Fonte: Tabela 1: Pesos de cada indicador do FIB butanês. Ito et al (2014, p.83)

Assim, essa evolução sociológica vem seguindo o amadurecimento das sociedades, o PIB com foco na produção de riquezas vem sendo substituído por índices que consideram o bem estar humano e, mais recentemente, aliados ao desenvolvimento sustentável, desde 2006 a ONU aplica o Happy Planet Index (HPI), ou Índice do Planeta Feliz (IPF). Segundo NEF (2006, p.2):

Este relatório tem uma visão muito diferente da riqueza e da pobreza das nações. Mede a eficiência ecológica com a qual, em cada país, as pessoas alcançam vidas longas e felizes. Ao fazê-lo, desloca nossa visão da economia para o que é realmente básico: o que entra (recursos naturais) e o que sai (vidas humanas de duração e felicidade diferentes). Tradução do autor.

O HPI (IPF) utiliza parâmetros índices e percepções em sua determinação e é calculado a partir da equação (1):

$$IPF = (BExEV)/PE \quad (1)$$

Sendo, BE (Bem-estar -fruto de pesquisas com lastro científico de percepção sobre a qualidade vida), EV (Saúde/expectativa de vida-número de anos que um recém-nascido viverá), PE(Comprometimento ambiental/Pegada Ecológica-estima o uso dos recursos do planeta por um indivíduo).

Em 28 de junho de 2012, por meio da resolução 66/281, durante a 66ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas foi definido e aprovado de forma unânime que, anualmente, no dia 20 de março acontece o dia mundial da felicidade, no documento, afirma que "a busca da felicidade é um objetivo humano

fundamental”. Oportunidade, que recomenda, para reflexões dentro de cada país sobre a importância da felicidade, como um objetivo fundamental da sociedade e governantes. Novamente, trazendo à tona o desenvolvimento sustentável que foi ainda mais enfatizado com a Agenda 2030 (2015-2030), que seria lançada em setembro de 2015 na sede da ONU, em Nova York.

A ONU também marca 2012 com a divulgação o Relatório Mundial da Felicidade (World Happiness Report) que alcança mais de 150 países com a finalidade de auxiliar na tomada de decisões e geração de políticas públicas de seus membros, apresenta um ranking dos países mais felizes do mundo e discute questões relacionadas ao alcance da felicidade e do bem-estar, o que está diretamente relacionado ao conceito de desenvolvimento sustentável, à Agenda 2030 (objetivos de desenvolvimento sustentável-ODS), à indissociabilidade entre economia, meio-ambiente e sociedade, todos permeados pela cultura e governança. Os ODS serão abordados nesse artigo.

Nesse ponto é possível traçar algumas comparações entre os rankings até então abordados. A tabela 3 apresenta os 10 primeiros colocados em cada um, acrescentando Brasil e EUA.

Tabela 3 – 10 maiores IDH e IPF/base 2016

IDH, Ranking global/base 2017		HPI/IPF, Ranking global/base 2017	
País	Índice	País	Índice
1 Noruega	0,953	1 Finlândia	7,632
2 Suíça	0,944	2 Noruega	7,594
3 Austrália	0,939	3 Dinamarca	7,555
4 Irlanda	0,938	4 Islândia	7,495
5 Alemanha	0,936	5 Suíça	7,487
6 Islândia	0,935	6 Países Baixos	7,441
7 Hong Kong	0,933	7 Canadá	7,328
8 Suécia	0,933	8 Nova Zelândia	7,324
9 Singapura	0,932	9 Suécia	7,314
10 Países Baixos	0,931	10 Austrália	7,272
13 Estados Unidos	0,924	18 Estados Unidos	6,89
<b>79 Brasil</b>	<b>0,759</b>	<b>28 Brasil</b>	<b>6,42</b>

Elaborado pelo autor

Fonte: <https://www.atlasandboots.com/happiest-countries-in-the-world-ranked/>  
e UNDP (2018,p.23)

O ranqueamento do Brasil oscilou bastante desde o início da aplicação do índice. Indicando a instabilidade das políticas de estado e do cuidado com as pessoas e o meio-ambiente.

Ano	Ranking	HPI/IPF - Brasil
2018	28 <sup>o</sup>	6,419
2017	22 <sup>o</sup>	6,635
2016	17 <sup>o</sup>	6,952
2014	16 <sup>o</sup>	6,983
2013	24 <sup>o</sup>	6,849

Elaborado pelo autor

Fonte: <https://countryeconomy.com/demography/world-happiness-index/brazil>

Observando as tabelas 1, 3 e 4 é possível reafirmar que o PIB não reflete a evolução de um país. Entre os 10 primeiros colocados, apenas o Canadá aparece entre os 10 do índice HPI. Em 2016 o Brasil O Brasil, 9<sup>o</sup> em PIB, cai para 76<sup>o</sup> no PIB per capita, para 28<sup>o</sup>.

Já os índices PIB per capita, IDH e HPI parecem relacionarem-se, uma vez que Suíça, Islândia e Noruega estão bem ranqueadas. Aumentando a lente, IDH e HPI se aproximam ainda mais, pois 5 países (Noruega, Suíça, Austrália, Islândia, Suécia e Países Baixos) fazem parte dos 10 melhores posicionados.

## 5. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Para além da tecnologia de ponta, sem limites, a humanidade também precisa de ações coordenadas e direcionadas para a preservação do planeta, à redução das desigualdades e à promoção da paz, da solidariedade, do bem-estar e da qualidade de vida das pessoas, ampliando a experiência pessoal e coletiva sobre a felicidade, ou sobre o que realmente carecemos para alcançar a felicidade. O desafio está em juntar felicidade, desenvolvimento e tecnologia. O conceito de desenvolvimento já apresentado acima precisa ser assimilado pela humanidade. Ela, que é algoz e vítima de si mesma, caminha para a destruição já alertada pelo Clube de Roma em 1968 que associou no Relatório Científico em 1972, “Limites do Crescimento”, que associou o crescimento econômico ao esgotamento dos recursos naturais.

Desde essa época, muitas iniciativas têm sido realizadas em nível global. A mais recente, trata-se de um desafio a cada país membro da ONU. É a Agenda 2030 que definiu metas para o período 2015-2030 com vistas ao desenvolvimento sustentável. Feil e Schreiber (2017, p. 676), consoantes com o relatório “Nosso

Futuro Comum”, afirmam:

O desenvolvimento sustentável pode ser conceituado como uma estratégia utilizada em longo prazo para melhorar a qualidade de vida (bem-estar) da sociedade. Essa estratégia deve integrar aspectos ambientais, sociais e econômicos, em especial considerando as limitações ambientais, devido ao acesso aos recursos naturais de forma contínua e perpétua. O conceito de estratégias, ou seja, o ato de gerenciar, é elaborado com base nos resultados das avaliações da sustentabilidade, e tem como foco os aspectos negativos, recuperando ou normalizando até o ponto em que o processo evolutivo do sistema ocorra normalmente.

Os 17 ODS apresentados no quadro, dividem-se em 21 metas e 241 indicadores. Cada um dos 193 signatários, comprometeu-se a atingir essas metas em maior ou menor grau, conforme suas condições. Aprovados em setembro de 2015 pelas Nações Unidas, os ODS representam uma nova agenda global, com a finalidade de melhorar a vida das pessoas em todos os lugares até 2030”. (UNESCO, 2017, p.7).

Quadro 1 – ODS 2015-2030

ODS1. Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares;
ODS2. Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar, melhorar a nutrição, e promover a agricultura sustentável;
ODS3. Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades;
ODS4. Garantir educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizado ao longo da vida para todos;
ODS5. Alcançar igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas;
ODS6. Garantir disponibilidade e manejo sustentável da água e saneamento para todos;
ODS7. Garantir acesso à energia barata, confiável, sustentável e moderna para todos;
ODS8. Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo, e trabalho decente para todos;
ODS9. Construir infraestrutura resiliente, promover a industrialização inclusiva e sustentável, e fomentar a inovação;
ODS10. Reduzir a desigualdade entre os países e dentro deles;
ODS11. Tomar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis;
ODS12. Assegurar padrões de consumo e produção sustentáveis;
ODS13. Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos; **Reconhecendo que a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (CQNUMC) é o principal fórum internacional e intergovernamental para negociar a resposta global à mudança do clima.
ODS14. Conservar e promover o uso sustentável dos oceanos, mares e recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável;
ODS15. Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, bem como deter e reverter a degradação do solo e a perda de biodiversidade;
ODS16. Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis;
ODS17. Fortalecer os mecanismos de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

Fonte: PNUD 2015 (<http://pnud.org.br/Noticia.aspx?id=4009>)

Alcançar cada um dos ODS é dar passos à realização humana e à preservação do planeta. Eles agem sobre 5 áreas estratégicas para a humanidade, que são Pessoas, Planeta, Prosperidade, Paz e Parcerias, conforme a figura 1.

Nesse sentido, compreender nesse artigo a relação entre a Felicidade, o bem-estar das pessoas e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são

elementos ambiciosos, pois a meta de base dos ODS é a felicidade das pessoas de todo o mundo e a segurança de que as próximas gerações possam alcançá-la. Não parece haver uma margem de possibilidade de se alcançar a felicidade e o bem-estar das pessoas sem se atingir as metas dos ODS.



Figura 1 – Focos dos ODS

Adaptado de: <http://www.agenda2030.org.br/sobre/>

Como confirmou a ONU, é preciso “uma abordagem mais inclusiva e equilibrada ao crescimento econômico que promova o desenvolvimento sustentável e o bem-estar” das pessoas. Então, aplicar o HPI é coerente, pois conforme a equação 1, a pegada ecológica é levada em conta.

## 6. JUNTANDO AS PONTAS

É preciso ampliar o olhar, observar e agir de modo sistêmico. Os esforços para o desenvolvimento sustentável orientando a evolução das indústrias, da sociedade inteligente e conectada estão intrinsicamente relacionados à busca da felicidade e do bem estar. As políticas, as tecnologias precisam se alinhar para que as pessoas consigam atingir um nível de maturidade e discernimento com relação a sua vida e seus propósitos e, assim, poder desenvolvê-los de forma intensa. A



psicologia positiva pode ser um elemento decisivo nesse cenário em que se vislumbra a sociedade 5.0, por exemplo, aplicando o conceito de *flow*. O humano integrado ao planeta com a tecnologia ao seu serviço, precisa libertar seu poder criativo, na busca do conhecimento e da sabedoria.

Importante considerar que a felicidade não é algo separado do coletivo. Nesse sentido, Josso (2004), distingue que as experiências que temos coletivamente partilhadas e as experiências individuais nos ajudam a avaliar uma situação e essas são “molas propulsoras” para trazer à luz o bem-estar e a felicidade. O que pode ser ampliado do indivíduo para uma organização, inclusive para um país. Quando se está movido por atitudes positivas, os estilos de vida se alteram em níveis individual, comportamental, cultural e organizacional/social.

Assim, o desenvolvimento sustentável não se configura como uma ação isolada, mas é um conjunto de recursos que viabilizem o atendimento das necessidades humanas e, desse modo, torna-se uma missão das organizações, de forma a engajar todos os segmentos numa série de iniciativas concretas que proporcionem uma real mudança na maneira de conduzir suas ações e promover as experiências de fluxo entre seus cidadãos, colaboradores e, conseqüentemente, a felicidade e o bem-estar.

Para isso, engajamento, metas e acompanhamento e sistemas realimentação são indispensáveis. Índices voltados apenas para a economia não são suficientes, não podem deixar de lado o bem-estar, a felicidade e a equidade na sociedade, para promover políticas que façam permitam que as pessoas possam se realizar e contribuir para o bem comum. Pessoas com alto grau de satisfação com a vida pessoal e profissional possuem maior probabilidade de cuidar de si, dos outros e do sistema. O que vem aos encontros do ODS quando abordam as principais barreiras sistêmicas para o desenvolvimento sustentável, como a desigualdade, padrões de consumo insustentáveis, falta de capacidade institucional e degradação ambiental.

Embarcar no caminho do desenvolvimento sustentável exigirá uma profunda transformação na forma como pensamos e agimos. Para criar um mundo mais sustentável e engajar-se com questões relacionadas à sustentabilidade, como descrito nos ODS, os indivíduos devem se tornar agentes de mudança direcionada à sustentabilidade. Eles precisam de

conhecimentos, habilidades, valores e atitudes que lhes permitam contribuir para o desenvolvimento sustentável. (UNESCO, 2017, p.7)

Desde o clube de Roma, muito já aconteceu, mas muito mais precisa ser feito. O modelo de consumo e degradação está destruindo o planeta. Os avanços tecnológicos precisam centrar-se no desenvolvimento sustentável. A sociedade 5.0 é uma esperança desde que incorpore os conceitos de desenvolvimento sustentável e alcance todo o planeta.

## REFERÊNCIAS

BUTÃO. **The Constitution of The Kingdom of Bhutan**. Disponível em [https://web.archive.org/web/20110706162637/http://www.constitution.bt/TsaThrim%20Eng%20\(A5\).pdf](https://web.archive.org/web/20110706162637/http://www.constitution.bt/TsaThrim%20Eng%20(A5).pdf). Acesso 12 de janeiro de 2019.

CSIKSZENTMIHALYI, C. *Fluir*. Lisboa: Relógio D'Água. (Obra original publicada em 1990). 2002.

DALY, Herman E. *Economía, ecología e ética: Ensayos hacia una economía en estado estacionario*. México: Fondo de cultura económica, 1989. Trad. Vicente Rosa Alves, CRESCIMENTO SUSTENTÁVEL? NÃO, OBRIGADO, **Revista Ambiente & Sociedade** – Vol. VII nº. 2 jul./dez. 2004.

DIAS, C.M.P. e OLIVEIRA, R.G. Estabeleça Metas para uma Vida em Flow. In: CORRÊA, A. P. **Psicologia Positiva: teoria e prática: conheça e aplique a ciência da felicidade e das qualidades humanas na vida, no trabalho e nas organizações**. Editora Leader: São Paulo, 2016.

FEIJÓ, A.C; VALENTE, E; CARVALHO P.G.M. Além do PIB: uma visão crítica sobre os avanços metodológicos na mensuração do desenvolvimento sócio econômico e o debate no Brasil contemporâneo. **Estatística e Sociedade**, Porto Alegre, n.2, nov, 2012,

FEIL, Alexandre André e SCHREIBER, Dusan. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: desvendando as sobreposições e alcances de seus significados. **Cad. EBAPE.BR**, v. 14, nº 3, Artigo 7, Rio de Janeiro, Jul./Set. 2017. <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v15n3/1679-3951-cebape-15-03-00667.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2018.

FORBES. <https://forbes.uol.com.br/negocios/2018/12/por-dentro-da-revolucao-das-maquinas/> Acesso em 18 de fevereiro de 2019.

FUNAG, 2016. **Maiores economias do mundo: PIB a preços correntes, em bilhões de US\$, 2012-2022**. Disponível em: [http://www.funag.gov.br/ipri/images/analise-e-informacao/FMI\\_PIB\\_13jun2017.xls](http://www.funag.gov.br/ipri/images/analise-e-informacao/FMI_PIB_13jun2017.xls). Acesso em 10 de janeiro de 2019.

ITO, A.A.; MARCHIORI, R.H.; PERISSINOTTO, R.M.; MENDES, V.T.U; ARIYOSHI, D.G.D. O índice “felicidade interna bruta” e o ambiente universitário brasileiro . **Revista Ciências do Ambiente** . On-Line Junho, 2014 Volume 10, Número 1. Disponível em <http://sistemas.ib.unicamp.br/be310/nova/index.php/be310/article/viewFile/427/345>. Acesso em 12 de janeiro de 2019.

JAPÃO. Report on The 5th Science and Technology Basic Plan. December 2015. Disponível em [https://www8.cao.go.jp/cstp/kihonkeikaku/5basicplan\\_en.pdf](https://www8.cao.go.jp/cstp/kihonkeikaku/5basicplan_en.pdf) . Acesso 15 de fev de 2019.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KEIDANREN . Annual Report 2018. Tóquio. Disponível em [http://www.keidanren.or.jp/en/profile/Keidanren Annual Report2018.pdf](http://www.keidanren.or.jp/en/profile/Keidanren%20Annual%20Report2018.pdf) Acesso 15 de fev de 2019.

MASTEN, A. S. Ordinary magic: resilience processes in development. **American Psychologist**, 56 (3), 227-238.2001.

MERLUZZI O. A Sociedade 5.0, a Indústria 4.0 e o Brasil com 40 anos de atraso. 2018. Disponível em <https://oleodieselnaveia.com/2018/06/02/a-sociedade-5-0-a-industria-4-0-e-o-brasil-com-40-anos-de-atraso/> Acesso em 15 de fev de 2019

OLIVEIRA, P.S.; GUERRA, J.B.S.O.A; KNABBEN, J.M.P.R.; NEIVA, S.S. Os índices de bem estar e felicidade como alternativas para a mensuração do desenvolvimento dos países. 2015 **VII Seminário de pesquisa interdisciplinar**. Disponível em [http://www.unisul.br/wps/wcm/connect/0105fd4f-99a2-47df-bb26-2d8917d68242/artigo\\_gt-ca\\_pietro-jose-joao-samara\\_vii-spi.pdf?MOD=AJPERES](http://www.unisul.br/wps/wcm/connect/0105fd4f-99a2-47df-bb26-2d8917d68242/artigo_gt-ca_pietro-jose-joao-samara_vii-spi.pdf?MOD=AJPERES). Acesso 15 de fev de 2019.

SELIGMAN, M. E. P. Florescer - uma nova e visionária interpretação da felicidade e do bem-estar. Rio de Janeiro: **Objetiva**, 2011.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000024&pid=S1413-7372201300040001700001&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000024&pid=S1413-7372201300040001700001&lng=en)>. Acesso em 08/12/2018.

SELIGMAN, M.E.P.; CSIKSZENTMIHALYI, M. **Positive psychology**: An introduction. *American Psychologist*, v.55, p.5-14, 2000.

SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. *Psicologia Positiva: Uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. Porto Alegre: Artmed. 2009.

SKLAIR, L. The corporate capture of sustainable development and its transformation into a ‘good Anthropocene’ historical bloc. **Civitas**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 296-314, May-Aug. 2019

SŤAHEL, R. Sustainable development in the shadow of climate change. **Civitas**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 337-353, May-Aug. 2019.

SUŠA, O. – Global dynamics of socio-environmental crisis. **Civitas**, Porto Alegre, v.

19, n. 2, p. 315-336, May-Aug. 2019.

TAVARES, J. **A resiliência na sociedade emergente**. Em Tavares J. (Org.) Resiliência e educação, (pp. 43-75). São Paulo: Cortez. 2001.

THE HAPPY PLANET INDEX. 2006 . new economics foundation) London.

Disponível em

[https://b.3cdn.net/nefoundation/54928c89090c07a78f\\_ywm6y59da.pdf](https://b.3cdn.net/nefoundation/54928c89090c07a78f_ywm6y59da.pdf). Acesso em 12 de janeiro de 2019.

UNDP. Human Development Indices and Indicators 2018 Statistical Update.

Published for the United Nations Development Programme, New York, 2018.

Disponível em

[http://hdr.undp.org/sites/default/files/2018\\_human\\_development\\_statistical\\_update.pdf](http://hdr.undp.org/sites/default/files/2018_human_development_statistical_update.pdf). Acesso em 12 de janeiro de 2019.

UNESCO. Desafios 2030: uma agenda para todos. Correio da Unesco, abril/junho 2017. Tradução para o português: Manuela Coelho.

WEF (World Economic Forum). Our Shared Digital Future Building an Inclusive, Trustworthy and Sustainable Digital Society. Switzerland. 2018. Disponível em

[http://www3.weforum.org/docs/WEF\\_Our\\_Shared\\_Digital\\_Future\\_Report\\_2018.pdf](http://www3.weforum.org/docs/WEF_Our_Shared_Digital_Future_Report_2018.pdf) Acesso 15 de fev de 2019.

YUNES, M. A. M. & SZYMANSKI, H. **Resiliência**: noção, conceitos afins e considerações críticas. 2001.

YUNES, M. A. M. A questão triplamente controvertida da resiliência em famílias de baixa renda. **Tese de Doutorado**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2001.

*Recebido em 2020.2  
Aceito em dezembro de 2020*